

nordês

PERIÓDICO ANARQUISTA

UMHA COLABORAÇÃO ENTRE
ARDORA (S)EDIÇÕES ANARQUISTAS
E COLAPSO ZINES



N18 · JANEIRO 2020

XX MARCHA A TEIXEIRO

ALÉM DE VOX

NEM SEQUER À
SEXTA-FEIRA

XX MARCHA A TEIXEIRO

Como cada ano nestas datas vai-se berrar contra os cárceres na vigésima edição da Marcha a Teixeira.

O percurso sairá às onze, o dia dezoito deste mês de janeiro, do ponto de saída habitual, a gasolinera próxima à cadeia, no km 336, N-366. Este ano também haverá música solidária na cidade da Corunha, a Nave 1836, um local situado na estação de trem da cidade e onde atuarão as bandas Ocre, Cloaca e Ahmra. Será a partir das 20 horas do mesmo sábado. O dinheiro arrecadado irá para as despesas das companheiras repressaliadas em anteriores marchas.

GREVE DE FOME ROTATIVA

Desde o mês de Setembro vários presos fazem parte dumha greve de fome rotativa que sucede as que tiveram lugar os passados anos. Neste mês farão greve as presas Carmen Badía Lachos, Jorge Alfonso Vázquez Campillo e Sebastian Quiñones Vargas. Animamos a difundir a sua situação e a apoiá-las.

No blogue tokata.info podes encontrar mais informação e os endereços para escreveres às presas.

As presas em luta continuam a reivindicar a seguinte tabela de catorze pontos:

1º Acabar com 'as prisons dentro das prisons', os ficheiros de internos de especial seguimento (FIES).

2º O fim dos maus tratos, sejam de obra ou palavra.

3º A posta em liberdade de presos/as que padeçam doenças incuráveis.

4º Que a assistência médica não pertença a instituições penitenciárias.

5º Que se investiguem as mortes que acontecerem desde há décadas e se depurem responsabilidades não sendo falecimentos por causas naturais.

6º O fim da dispersão de presos/as.

7º A respeito de enfermos/as mentais exigimos que se lhes trate adequadamente em locais apropriados, e não nas prisons.

8º Que as estruturas carcerárias abram as suas salas de aulas, oficinas, academias, acessos formativos e culturais, etc... aos/as presos/as que tratam como «irrecuperáveis».

9º Que os programas com metadona, tratamentos psiquiátricos, etc, vão acompanhados de grupos de apoio, terapeutas, etc... independentes das autoridades penitenciárias.

10ª Que os módulos de respeito não sejam utilizados como montras que só servem para fomentar a traição e a delação.

11º Que se deixe de cachear integralmente às famílias e amizades visitantes.

12º Exigimos aos tribunais, forças de segurança do estado e

repressores vários, que nom criminalizem a solidariedade entre pessoas.

13º Fim do cumprimento de «cadeias perpétuas encobertas».

14º Reconhecimento novamente do artigo 100 do derogado código penal de 1973, sobre o benefício de redenção ordinária e extraordinária polo trabalho em prisom.

A SITUAÇÃO DE ANTOINE NIETO GALINDO

O preso em luta Antoine Nieto Galindo continua encarcerado apesar de ter cumprida a sua condena no estado espanhol o passado 3 de janeiro. A sua situação é alarmante e moi irregular já que querem extradita-lo a França por umha condena pendiente dum delito de há 41 anos. Antoine passou quase 50 anos dos 67 que tem nos cárceres do reino de espanha, e têm cancro. Um tribunal decidirá se o extraditam e urge atuar para impedi-lo. Deixamos a sua testemunha contando o seu caso:

Som Antonio Nieto Galindo, mais conhecido por «Antoine». Por petição dos companheiros e companheiras de *Despertares Revolucionarios de Mula*, Múrcia, tentarei fazer um relato a grandes traços sobre o que supom ser um preso no estado espanhol e sobre a minha situação. Levo cumpridos um total de 50 anos, 4 meses e 16 dias, limite de condena realizado por um tribunal penal sentenciador, todo isso por delitos de expropriação a entidades bancárias. Nengum dos meus delitos som de sangue. Ingressei em prisom o 9 de fevereiro de 1979, até a data de hoje, e deixarei extinguida a minha pena o 3 de janeiro de 2020. O código penal espanhol di que o máximo que um condenado cumprirá é um total de 40 anos e esta pena será por delitos de terrorismo, isto é, por um ou mil assassinos, o número nom impor-

ta, cumprirá 40 anos. Como no meu caso neste Estado somos uns 300 presos, que por delitos menores somamos muitos anos de condena, os que estamos a cumprir cadeia perpétua encoberta, muitos mais do que em outros países da comunidade europeia. E que o estado espanhol se diga um estado de direito e democrático! Nom me fagam rir!

Nom sairei em liberdade o 3 de janeiro de 2020. Ficarei ao dispor da Audiência Nacional, seom terceira, que terá dez dias para entregar-me às autoridades francesas, já que aceitárom umha OEDE (Ordem Europeia de Detenção e Entrega), solicitada polas autoridades francesas para ser entregue às mesmas e cumprir umha cadeia perpétua imposta com total fraude de lei, em rebeldia, tendo conhecimento da minha situação de preso penado no estado espanhol, polo que com a minha idade, 66 anos, doente de cancro de próstata, tenho um bilhete assegurado para falecer numha cárcere francesa, se nom se pom remédio a isso e se anula a minha entrega.

Do meu cativoiro, fago umha petição às autoridades competentes do estado espanhol para que se revisem essa OEDE, com a reforma da mesma lei 23/2014 de novembro, de reconhecimento mútuo de resoluções penais na União Europeia, transposição normativa espanhola da decisão marco 299/JAI/2006 e outras publicadas no BOE o 21 de novembro de 2014. É de justiça o que reclamo. Os dados da OEDE que tenho pendiente som os seguintes: OEDE 29/2005, 66/2005, tribunal central de instrução nº5, Audiência Nacional seom terceira.

Ingressei e conheci a prisom em fevereiro do ano 1971, concretamente o cárcere de Barcelona, e fum posto em liberdade o 22 de

*querem
extradita-lo a
França por umha
condena pendiente
dum delito de há
41 anos. Antoine
passou quase 50
anos dos 67 que
tem nos cárceres*

maio de 1977 pola aplicação do último indulto geral que se aplicou no estado, que conseguimos os milhares de presos da COPEL (Coordenadora de Presos em Luita), com as nossas luitas todos unidos com autolesões, greves de fome e subida aos telhados das prisons, luitas das quais sinto falta na atualidade, sobretudo os grandes valores e dignidade dos presos daquela época, que sofremos o regime carcerário franquista, e nom os que agora povoam as prisons espanholas.

Pido e exijo aos responsáveis pola Secretaria Geral de Instituições Penitenciárias, aos Tribunais de Vigilância Penitenciária, e aos tribunais sentenciadores, ao Tribunal Constitucional, aos legisladores, Tribunal de Direitos Humanos de Estrasburgo, ao Defensor do Povo, ao Ministro de Justiça, e a todos e a todas a quem lhes compete:

[...]

Esta é a tabela reivindicativa de 14 pontos de presos/as em luta.

As prisons só servem para que os/as presos/as, familiares e achegados sofram, dia após dia, para os destruir como seres humanos. A reinserção é umha farsa, nom existe. Os tribunais condenam-nos, mas depois, novamente somos condenados polas equipas técnicas, a junta de tratamento... Todo isto nom tem razom de existir.

NEM SEQUER À SEXTA-FEIRA

FINIMONDO

George Orwell escreveu umha novela —1984— que se tornou famosa em todo o mundo polas suas críticas ao totalitarismo. Mas qual totalitarismo? Escrita em 1948, quase todos os seus leitores interpretárom como umha denúncia dos regimes estalinista e nazi-fascista. O sucesso de *1984* baseia-se, portanto, na presunçom de que descreve um mundo bem diferente daquele em que vivemos, dando aos bons cidadãos do «mundo livre» umha ideia e umha perceçom de um horror que já aconteceu ou é visível noutro lugar, por mais distante que for no tempo ou no espaço.

Nom foi nada disso. Orwell nom quiço demonstrar umha banalidade, que o totalitarismo é feio e maligno. Nem era a sua intençom denunciar um tipo particular de regime político contemporâneo, mas sim desvendar os mecanis-

mos intelectuais e psicológicos por trás deles e mostrar como funcionam nom só nas tiranias, mas também nas democracias. Ontem, mesmo fora da Rússia de Stalin, da Alemanha de Hitler, da Itália de Mussolini. Hoje, em todas as partes.

A essência do totalitarismo, de facto, nom se manifesta com a onnipotência de umha força policial brutal, senom com o controle mental absoluto. Vigilância constante, prisons em massa, interrogatórios, tortura, julgamentos sumários e campos de concentraçom som apenas... acessórios; som meios para obter o domínio das mentes, ou melhor, para treinar o indivíduo a controlar o seu próprio pensamento. Mas o instrumento indispensável de todo totalitarismo nom é em absoluto o *Quarto 101*, que dependendo do contexto e das circunstâncias pode facilmente ser substituído polos ecrãs de televisom (nom é coincidência que Orwell se inspi-

ra-se no *Novo Mundo* do seu mestre Huxley, onde o controle total é alcançado através da felicidade, e nom através do terror). Se a intençom é suprimir o pensamento, nom há diferença substancial entre queimar livros e torná-los sem interesse. Se é difícil encontrar umha diferença real entre um território controlado por patrulhas intrusas de polícias presentes em cada esquina e um território vigiado por câmaras discretas espalhadas por todo lugar, da mesma forma qual é a diferença entre umha correspondência em papel interceptada polos serviços secretos e umha correspondência telemática à total disposiçom de multinacionais como Google ou Facebook?

No mundo totalitário de *1984*, qualquer pensamento, por insignificante que seja, que nom estiver totalmente alinhado com a doutrina do Partido (isto é, do Estado) é criminoso. A fim de evitar a ameaça subversiva, a ca-

pacidade crítica dos indivíduos é destruída, reduzindo drasticamente o número de palavras disponíveis, simplificando ao máximo as suas possíveis elaborações lógicas. Quantas menos palavras existem, menos reflexom pode ser feita. Umha vez incapazes de expressar um pensamento complexo, os indivíduos ficam sem mais nada para fazer a nom ser repetir os slogans e frases feitas pola propaganda. É desta forma que, segundo Orwell, o totalitarismo chega ao «controle da realidade», ao *duplipensar* («a capacidade de aceitar simultaneamente na mente duas opiniões conflitantes, aceitando ambas»). O *duplipensar* é usado como umha arma de manipulação psicológica, para tornar o indivíduo incapaz de pensar por si mesmo; por outro lado, apoiar algo ao mesmo tempo e o seu oposto só pode produzir umha desintegração da consciência. A negação da oposição entre duas declarações impede qualquer representação. Nom é possível perceber e interpretar a realidade, só se pode vivenciá-la, sofrê-la, tornar-se seu agente — nom analisá-la e transformá-la.

Para se impor com as suas contínuas contradições, o *duplipensar* necessita tornar mui fluida a psique dos indivíduos, fazendo-os viver somente no e sobre o presente: a verdade é o que o Partido (isto é, o Estado) diz. Ou melhor, é o que está a dizer. E que, um momento depois, pode virar exatamente o seu oposto. O objetivo final do poder é, portanto, quebrar a relação do indivíduo com a verdade do sentido, com a sua profundidade histórica, a fim de torná-lo um ser totalmente maleável, ou seja, manipulável. Afinal, é um ideal partilhado por todas as grandes ideologias desde o início do século XX: moldar o ser humano, ser capaz de o fazer

acreditar em todo, treiná-lo para negar o menor sentido e, por vezes, até o testemunho dos seus próprios sentidos. É um projeto que foi quase completamente realizado, tornado-se no mais compartilhado.

De que outra forma se pode explicar a pretensão de defender a natureza do progresso industrial que a assola, apoiando ao mesmo tempo a ciência e dirigindo-se aos governantes que financiam e implementam esse mesmo progresso? Se no caso da jovem Greta Thunberg talvez se poida falar de ingenuidade, nos adultos que a adulam, de que se pode falar? Certamente nom é difícil perceber o mesmo absurdo entre os slogans do *Big Brother* («guerra é paz, liberdade é escravidude, ignorância é força») e os do *Fridaysforfuture* («o desenvolvimento é sustentável, a economia é circular, a ciência é verde»). Da mesma forma, nom deve ser muito difícil entender que convidar quem estão no poder a «unirem-se atrás da ciência» equivale a acreditar que o problema é, ao mesmo tempo, a solução. A imparável destruição da natureza nom é um erro descuidado da organização social atual que pode ser corrigido umha vez feito, mas umha das consequências óbvias do capitalismo, para o qual «todos os recursos naturais som da cor do ouro. Quanto mais rápido os explora, mais rápido se acelera o fluxo do ouro». Pedir gentilmente aos funcionários e servos do Deus Dinheiro que ponham fim à exploração dos recursos («exercer pressão sobre as instituições locais, regionais e nacionais para que tomem medidas mais eficazes do governo e das organizações internacionais para conter os efeitos do colapso do clima») é como pedir gentilmente aos lobos que ponham fim ao extermínio das ovelhas. Nom se pode estar de ambos os lados ao

mesmo tempo. Nom é a ciência e o Estado que «tornaram a natureza selvagem novamente», senom só a luta contra a ciência e o Estado.

Para entender até que ponto o *duplipensar* aniquilou qualquer capacidade crítica bastaria mudar-se para Taranto, umha cidade em plena agitação contra a decisão da multinacional Arcelor Mittal de fechar os altos-fornos de Ilva. A preocupação de salvarguardar o «nível de emprego» e garantir o «direito ao trabalho» é tal que o governo, os sindicatos e as forças progressistas convergem para um único objetivo: evitar a todo custo o fecho da maior siderurgia da Europa. Mas como governo, sindicatos e forças progressistas nom escondem seu apoio à causa ambientalista da proteção do clima, estamos diante dum dilema. Como *Ilva di Taranto* é a principal fonte de dióxido de carbono na Itália e, portanto, a primeira responsável no país pelo aquecimento global, como podemos apoiar tanto a rápida redução das emissões nocivas para a atmosfera como a manutenção do que está espalhando veneno para a atmosfera? O Ministro do Desenvolvimento Económico pode estar delirando ao dizer da Ilva que é «exemplo dumha planta siderúrgica industrial, com o uso de tecnologias sustentáveis, com fornos elétricos e outras plantas eco-sustentáveis», mas é óbvio demais que a defesa da natureza exige o fechamento imediato da fábrica, com umha produção anual de 8 milhões de toneladas de aço!

Mas umha Itália sem indústria e um Taranto sem empregos, como poderiam viver dentro desta civilização fundada na indústria e no trabalho? Eis umha pergunta para a qual os slogans que pensam por nós nom podem dar umha resposta. Nem sequer às sextas-feiras.

ALÉM DE VOX. QUEREM-NOS LEVAR A UM PASSADO QUE NUNCA EXISTIU.

GRUPO ANARQUISTA CENCELLADA

Acaba o ano 2019 e o Estado Espanhol pom o seu relógio em hora com o resto da Europa. A crise económica chegou. Os coletes amarelos chegaram. A representação política do neofascismo chegou.

Levamos umha década vendo-o vir. Primeiro com umha desmobilização social que se traduziu numha “volta à normalidade”, enquanto o canibalismo social crescia. Vemos como o bloco político do PP se descompunha, primeiro num “Podemos de direitas” que foi Ciudadanos e agora em favor do partido que melhor domina a comunicação viral e endemoniada de hoje, Vox. Ao mesmo tempo o PSOE recupera a sua posição de poder no seu papel de sempre de ser o estabilizador do regime de 78.

Finalmente, quem levantou o monstro até o levar a ter o peso que tem nas instituições do regime foi um movimento social que existe hoje em favor da repressão.

Falámos em anteriores comunicados deste movimento, mas agora, que está no clímax, é bom assinalá-lo diretamente:

—Como movimento social tem arraigo nas capas sociais mais favorecidas: rendas altas e meias junto com posições acomodadas (aristocracia operária, rentistas...). Mas sobretudo, entre quem tem relação com os corpos repressivos do estado: polícias, exército, carcereiros...

—É um movimento enquanto que tem múltiplas expressões, organizações e segmentos dentro dele que não atuam de forma uniforme. Atualmente é fácil reconhecer em Vox a expressão política deste movimento, mas há muitos mais elementos: desde Jusapol, hegemonizando a organização da polícia, a recolhas de assinaturas em massa para restabelecer a Cadeia Perpétua (a prisão permanente revisável que dizem os bem-pensantes).

—É um movimento social que emerge “de abaixo”. Não surge e se dirige de um despacho escuro,

senão que conta com o empurre de setores sociais por iniciativa própria.

—Como movimento é essencialmente reacionário em torno da ordem vigente e a um mitológico passado melhor, no que as coisas não estavam tão desenfreadas. Não há base racional nem empírica para falar de umha situação de instabilidade ou delinquência extrema, menos ainda se o comparamos com qualquer momento passado. Contudo, este é o substrato mitológico sobre o que se edifica este movimento. Como proposta: a repressão. Contra todo e em todas as suas formas, cumprir a lei e ser duros. No próprio 15M houve algum gesto desta tendência quando se tratava o tema da corrupção e a casta política. Durante anos era um lugar comum assinalar a necessidade de mais mão de ferro com os corruptos. Pois bem, para alguns esse foi o ponto de partida ao que depois ir acrescentando o demais. Imigração? CIEs. Violência machista? Cárcere, cadeia perpétua. Manifestações e greves?

Multas, paus. Terrorismo islâmico? Cadeia perpétua. Conflito catalâm? Prisom, ilegalizaçoms, paus. Essa é a maneira de “voltar” à normalidade. É importante assinalar aqui que falamos de voltar, nom de avançar.

Assinalamos a existência deste movimento porque embora se encontra incorporado junto a outras manifestaçoms políticas às vezes mais estridentes, achamos que é o vetor principal e o que o articulou. Por exemplo, costuma vir em conjunto com o nacionalismo espanhol, com o anti-feminismo queixoso da “ditadura do politicamente correto” ou com o negacionismo climático. Nom obstante, nem o nacionalismo espanhol, nem o anti-feminismo nem o negacionismo climático articulam e propulsam este movimento. Só lhe dérom vigor e coesom, especialmente no caso do nacionalismo.

Que este movimento esteja forte e à ofensiva tem-nos que pôr alerta para nom o reduzir só à sua expressom política mais forte e clara que é Vox, que simplesmente se tem levantado sobre ele. Noutros partidos há evidentes correntes que fam parte desta outra e que temem que ser assinaladas, como por exemplo quem enarbolam um

punitivismo feminista ou umha tentativa de punitivismo “climático”. O apego desta tendência tem mais a ver com a extraçom social das pessoas do que com a sua expressom política ou partidária, por isso é importante assinalar quais som esses setores, e que nom som novos. Som os mesmos setores que apostárom forte em décadas passadas na hipervelocidade, o casino imobiliário e a “normalidade democrática”. Ideologicamente envergonhados polo seu direitismo, votantes do PP, órfãos dumha direita nacionalista até que esta chegou em 2017. Em 2019 trata-se fundamentalmente das mesmas pessoas que nas últimas décadas votárom em Aznar, em Rajoy e em Rivera, as mesmas pessoas que consolidárom umha “normalidade democrática” baseada no tijolo, a exploraçom laboral e a desigualdade social. Quando os analistas os procuram nos mapas os encontram em urbanizaçoms criadas no boom imobiliário, baixo o desenho ideológico da cidade-cárcere. Som parte da nossa sociedade, mas fôrom militantes dumha apatia que recentemente convertérom em ódio.

Ainda que assinalamos que foi a repressom o aglutinador da

reaçom que estamos a ver, o papel do nacionalismo espanhol em todo isto merece umhas palavras. Fai anos que se reabilitárom via desporto os símbolos nacionais proscritos por ser património dum exército desprezado pola ‘mili’. Geraçoms e geraçoms desprezárom o hino e a bandeira por ser património de um exército que os sequestrou durante umha temporada e depois, umha vez livres, podiam esquecer. Isso nom acabou quando acabou a mili, senom quando começaram os mundiais. A sensibilidade que se construiu desde 2008 explodiu anos depois quando em 2017 esses símbolos se convertérom num símbolo político de massas, utilizados por um movimento que pedia “mais repressom”. Se tínhamos um movimento social nascente nas comissarias, os símbolos espanhóis fôrom a sua via para propagar-se pola sociedade até constituir um movimento social em toda regra, com os seus mitos, os seus símbolos e os seus códigos de conduta. Só faltava alguém que canalizasse este movimento para tirar benefício político. Esse alguém já estava aí em 2017, a trabalhar num ângulo morto do movimento antifascista. Enquanto que a militância



social trabalhava contra o Hogar Social e a clássica área patriota até levá-los à marginalidade, Vox aglutinava tranquilamente em torno de um programa liberal a esses setores que se começavam a mobilizar, captando os seus quadros e estabelecendo canais de comunicação vorazes. Por isso hoje nom temos umha extrema direita fascista ao estilo europeu no Estado espanhol, senom umha cópia do Tea Party americano com mais nacionalismo e um monte de elementos folclóricos vetados na sua velha casa – o PP -. No mínimo, por agora.

O risco que entranha Vox é enorme. Mas nom por ser umha quadrilha de esquadras de rua que vam tentar dinamitar o movimento popular. Nom estamos perante um partido fascista nesse sentido, senom perante algo pior: Vox quer “balcanizar-nos”. É comum encontrar entre a direita e a esquerda espanholista referências contínuas à suposta pretensom dos movimentos independentistas dos povos íberos de emular a dissoluçom da República Federal Socialista da Jugoslávia no Reino da Espanha, cumprindo com um programa secreto estabelecido desde Berlim. Pois bem, a realidade nos demonstra que o conflito catalám tem hoje mais a ver com o dos co-

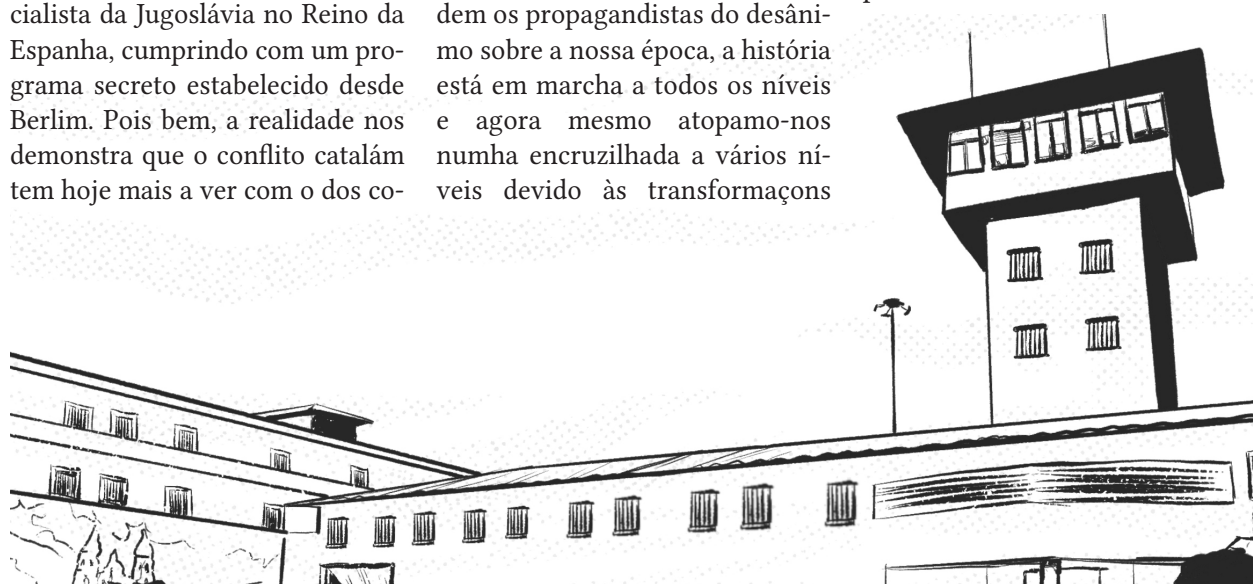
letes amarelos franceses que com o dos paramilitares racistas croatas, sérvios ou cosovos. Contodo, Vox é a combinaçom perfeita para levar a um cenário quase similar à Jugoslávia de 1989: um plano de ajuste económico selvagem que desmantele todo o rasto do estado social combinado com uma política repressiva e centralista no territorial que só pode traduzir-se na mobilizaçom dos povos em que o espanholismo é maioritário contra aqueles em que nom o é.

De frente, o que nos toca, além de seguir a construir tecido social é rastrear esses elementos que nos unem para além de fronteiras e mares. A luta por umha vida digna em Chile ou Equador, a resistência ao golpe imperialista de Bolívia ou a resposta contra a repressom espanhola que vemos em Catalunha compartilham elementos que nos dam chaves importantes sobre o caminho que temos de seguir na nossa luta pola emancipaçom: a luta contra a repressom e a luta por umha vida digna. A pesar da persistente imagem de decadência que difundem os propagandistas do desânimo sobre a nossa época, a história está em marcha a todos os níveis e agora mesmo atopamo-nos numha encruzilhada a vários níveis devido às transformaçoms

que estão a sofrer, desde as bases materiais do nosso sistema (todos os processos produtivos estão em profunda revisom), até as elites que tomam as decisoms (a recomposiçom geopolítica dos Estados é a parte mais visível do processo). Que tenha fortes conflitos sociais em todo o planeta é umha confirmaçom de que ante estas mutaçoms, há resistências.

No nosso caso, para além disso, toca-nos declarar claramente os sujeitos dessa luta: qual sindicalismo, quais centros sociais, quais territórios... e qual projeto político queremos defender. É certo que a fragmentaçom do movimento popular em luitas particulares é um risco com o que convivemos, cujo remédio nom está em subordinar luitas ou em coordenar no espaço e no tempo. É necessário definir um projeto político que opere no nosso território, tendo em conta os atores que hoje existem nessa constelaçom de luitas. Nem castelos no ar, nem trabalhos de fim de carreira:

Necessitamos encontrar-nos para pôr em comum.



Ardora
(s)ediçoms anarquistas

ARDORAEDITORA.INFO · ARDORA@BASTARDI.NET

COLAPSO
—| ZINES |—

COLAPSOZINES@RISEUP.NET